



Ricardo R. Rochman
FGV-EAESP
ricardo.rochman@fgv.br

A expansão do microcrédito

O INTERESSE PELAS MICROFINANÇAS, EM ESPECIAL PELO MICROCRÉDITO, AUMENTOU NO MERCADO FINANCEIRO INTERNACIONAL

Uma parte do interesse é justificada pela preocupação com os aspectos de sustentabilidade e responsabilidade social que as instituições financeiras vêm demonstrando. A outra parte provém do enorme potencial de crescimento do mercado de microcrédito.

Segundo dados do Centro de Estudos em Microfinanças da FGV, o índice de microcrédito produtivo no Brasil é de somente 2%, ao passo que em outros países da América Latina ele chega a 30%. A elevação desse índice no Brasil dependerá tanto de ações do lado da oferta como também do lado da demanda.

Do lado da demanda, as instituições financeiras devem construir canais de distribuição alternativos, capazes de alcançar o público potencial, principalmente fora do eixo Rio-São Paulo. Nesse caso, a barreira a ser ultrapassada é o custo desses canais e do processo de concessão de crédito. Se não o fizerem, a atividade de microcrédito será economicamente inviável.

Já do lado da oferta, referente à captação de recursos, a providência necessária é permitir que o público em geral, além dos bancos, tenha a oportunidade de investir seu capital nessa modalidade de crédito – a qual ofereceria retornos mais interessantes. Isso poderá ser feito mediante

engenharia financeira, como a construção de fundos de investimentos, cujos recursos serão utilizados pelos tomadores de microcrédito.

Outra possibilidade é a securitização dos microcréditos. Ela seria vantajosa tanto para os bancos, que vendem suas carteiras, como para os investidores, que poderão comprar títulos de renda fixa lastreados nos microcréditos. O único ponto de atenção nesse caso é não esquecer da necessidade de transparência – haja vista as lições aprendidas com a crise dos *subprimes* nos Estados Unidos.

Essas ações poderiam ser estendidas aos demais produtos que compõem as microfinanças, como, por exemplo, os cartões de créditos e seguros.

Para encerrar, deixo aos leitores algumas questões para reflexão. Por exemplo, **o que será do microcrédito quando a maior parte da população brasileira sair das regiões de miséria e pobreza e tiver acesso às linhas de crédito convencionais?** Poderíamos vivenciar uma crise de microcrédito como ocorreu no caso dos *subprimes*? E, por fim, como manter o microcrédito atrativo aos olhos dos investidores sem perder, ao mesmo tempo, os aspectos de responsabilidade social dessas ações? Esta última questão nos lembra dos perigos ocultos das operações financeiras. ✘